



Equipas de Nossa Senhora

EDITORIAIS DAS CARTAS VERDES

Henri Caffarel

Traduzidos pela Equipa Porto 2 e editados pela Supra-Região em Dezembro de 2007,
nos 60 anos da CARTA Fundadora do Movimento das Equipas de Nossa Senhora.

ÊXITO DE CARIDADE

É preciso que a caridade fraterna aumente sem cessar nas vossas equipas.

- Quando alguns casais se exercitam na entreaajuda e no amor fraterno, pouco a pouco, o seu coração alarga-se. E, gradualmente o seu amor invade a casa, o bairro, o país ... até atingir as mais longínquas paragens.

- Construir uma equipa é importante: aí permanece dia e noite, o Cristo eucarístico. Mas não é menos necessário para a cristandade possuir equipas de caridade: é uma outra maneira de tornar Cristo presente aos homens. "Onde há amor fraterno, aí se encontra Deus", conta a liturgia da Quinta-feira Santa. "Quando dois ou três se reunirem em meu Nome promete Jesus Cristo, Eu estarei no meio deles".

- Presença de Cristo, e portanto presença de Igreja. Onde haja cristãos que se amem, aí está a Igreja. Com a condição, no entanto, de que essa pequena comunidade queira ela mesmo estar presente à Igreja, ser serviço da Igreja.

- O poder da intercessão dos cristãos, quando são unidos, é de uma força extraordinária: "Se dois de vós, na terra, se puserem de acordo para pedirem o quer que seja, em verdade vos digo que o obterão do meu Pai que está no céu.

- O amor fraterno é de uma excepcional fecundidade. À sua volta o mal diminui, o deserto começa a florir. Um pároco dos arredores de Paris dizia-me: "Quando uma rua da minha paróquia tem muito mau ambiente, peço a casais cristãos que vão para lá morar (era antes da guerra) e que ofereçam àquela gente muito simplesmente o testemunho do seu amor fraterno. Ao fim de seis meses, os habitantes da rua respiram um novo ar".

- Uma comunidade fraterna é uma mensagem de Deus aos homens. A sua mensagem mais importante, aquela que revela a vida íntima de Deus, a sua vida trinitária. Não há discurso sobre Deus mais eloquente e mais persuasivo do que o espectáculo de cristãos que "são um" como o Pai e o Filho são um.

- Nada glorifica mais a Deus do que cristãos unidos. É a grande obra prima da graça divina. Deus nela põe a sua complacência. "Os céus cantam a glória de Deus", o amor fraterno canta o amor eterno.

Que a vossa obsessão seja: Fazer da vossa equipa um ÊXITO DE CARIDADE.

H. C.

EQUIPAS NOVAS Nº 2

QUE VINDES FAZER ÀS EQUIPAS ?

Durante as ultimas férias dei muitos e longos passeios na floresta. Levava comigo as Epístolas de S. Paulo. Mais uma vez, me impressionei com o indefectível afecto do Apóstolo a Cristo. Durante essas leituras, vós estáveis, meus queridos amigos, muito presentes na minha meditação e o assunto do próximo bilhete que ia escrever-vos impunha-se-me: É preciso, nas Equipas de Nossa Senhora, visar o essencial. A partilha de opiniões, as sólidas amizades, a entreaajuda material e moral, tudo isso não é a finalidade mais importante. O ESSENCIAL É PROCURAR CRISTO. Infelizmente as palavras estão gastas. Receio que a expressão "procurar Cristo" não desperte em vós senão um eco muito enfraquecido.

Mas eis alguns textos - melhor dizendo - alguns gritos de S. Paulo que vão mostrar-vos o que é procurar Cristo e, tendo-o encontrado, dar-se todo a ele.

São Paulo é habitado pela Caridade: "o amor de Deus persegue-me" (II Cor. V, 4). "Quem me arrancará ao amor de Cristo? A tribulação? O infortúnio? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada?... Mas em tudo isso nós somos mais que vencedores" (Rom. VIII , 35 - 37).

Sucedede-lhe, como a nós todos, encontrar-se diante da alternativa: agradar aos homens ou agradar a Deus. O seu partido está tomado "Se ainda me preocupasse com agradar aos homens, não seria servo de Cristo". (I Cor. IV 10).

Cristo é o pólo da sua vida mas não hesita em sacrificar o bem-estar da sua intimidade para ir ter com os seus irmãos, a fim de que, por seu turno, eles pertençam ao seu mestre "sinto-me atraído para dois lados: gostaria muito de

morrer para estar com Cristo, e era isso o melhor de tudo; mas, por causa de vós, é preferível continuar por cá". (Filip. I, 23).

Não é poupado a sofrimentos variados, e provavelmente conhece mesmo horas de angústia. E declara: "Sei em quem pus a minha confiança". (II Tim. I, 12). Percebeis tudo o que contêm estas palavras de heróica coragem e de ternura? A sua vida só tem uma razão de ser. Será fiel até ao martírio: "É preciso que Ele reine" (I Cor. XV, 25). Certamente que nós estamos muito longe de uma tal santidade. Mas a questão é de saber se queremos ou não ser possuídos pela mesma paixão devoradora. E, voltando às Equipas, se é isso antes de tudo que viestes aí procurar, se esse desejo guia as vossas trocas de impressões, as vossas orações, se é Ele realmente a razão de ser da vossa amizade e da vossa entreatajuda.

H. C.

O ARADO ANTES DOS BOIS

Muitas vezes, em conversa particular com um ou outro de entre vós, ouço esta observação: Falta-me coragem e generosidade no serviço de Deus. Tenho de redobrar de esforços, de adquirir uma vontade mais forte, mais perseverança, mais esquecimento de mim mesmo. Ao vos ouvir, pergunto-me se não estareis a pôr o arado à frente dos bois.

Eu explico. Há uma lei psicológica muito simples, que vós já observastes muitas vezes nas vossas relações de amizade: para nos dedicarmos facilmente a alguém, é preciso amá-lo, para o amarmos espontaneamente, é preciso admirá-lo. A admiração provoca o amor, o amor impõe a dedicação. Da mesma maneira é difícil dedicarmo-nos, se não amamos. E é difícil amarmos alguém que não admiramos.

Há uma estreita ligação entre o amor e a admiração. "Nunca amaria alguém que eu não admirasse" diz-vos este rapaz ou esta rapariga. De facto, quando ele vos torna a aparecer com o seu companheiro de vida, há no seu olhar uma luz que brilha e que é ao mesmo tempo encantamento e amor.

Mas quão frágil é este amor! Frágil como a admiração que o fez nascer. É por isso que é preciso proteger essa admiração, alimentá-la, estar atentos à beleza daquele que amamos - não falo tanto do seu encanto físico, mas dessa palpitante beleza que é, no coração de todo o ser, um reflexo da beleza de Deus: Reflexo que tanto nos comove quando o nosso olhar é bastante penetrante para o descobrir.

Sucedem, mas muito raramente, que essa mesma luz de admiração e de ternura se encontre no rosto de dois velhos esposos. A vida não os poupou; lutas e dores estão gravadas nos seus rostos; mas, um diante do outro, continuam maravilhados, como

no primeiro dia, mais até do que no primeiro dia. Perante eles estremeçemos como diante de um milagre da vida.

G. Duhamel tem belas palavras para dizer esta necessidade de dedicarmos às pessoas uma extrema atenção. "Estou debruçado sobre um abismo (o seu filho pequeno), sobre um mundo enterrado. Com o olhar interrogo a sonhar e deixo lá cair, por vezes, uma pedrinha para despertar o eco da profundidade". Conselho válido, não apenas para os pais nem apenas para os esposos, mas também para o cristão em face de Cristo.

Porque, se não admirarmos Cristo, o nosso amor é débil. E, se não nos sentimos maravilhados, é porque, como nunca deixámos cair uma pedrinha, as profundidades do mistério são mudas para nós. E, porque o nosso amor é débil, ao nosso serviço falta entusiasmo e coragem.

Os santos vão longe em amar porque, primeiro, vão longe em conhecimento. Eles têm por Cristo esse interesse apaixonado que os enamorados têm um pelo outro. Ele desperta a sua curiosidade: através das suas palavras - ia dizer mesmo das suas inflexões de voz - dos seus gestos, tais como o Evangelho no-los apresenta, eles adivinham a sua alma. Procuram-no também na oração, longamente, com paciência. E durante toda a sua vida. Eles são santos, sem dúvida, porque sempre estiveram atentos.

H. C.

BAILE DE MÁSCARAS

Por todo o lado mentira. À nossa volta. Em nós.

A senhora Y detesta a senhora Z, estende-lhe a mão com um sorriso impecável. O doutor A passa o tempo a criticar o seu confrade B; mas, se o encontrar, com que entusiasmo o felicita pelo seu sucesso no concurso dos hospitais. Olhai para essas pessoas que desfilam na Igreja diante da família do defunto; ficareis edificadas com a sua sinceridade... Mentira de palavras, de gestos... Vida de mentira. Cada qual representa a sua personagem: a mulher perfeita, o pai da família numerosa, o braço direito do pároco, o patrão social, o cristão de ideias largas. Bem aplicar a máscara, ajustar bem o disfarce, é com isso que se preocupam.

E os partidos políticos. E a imprensa... Quer se trate das últimas greves, da guerra da Indochina, do grande processo em curso: por todo o lado belas palavras, escondendo, muitas vezes, pequenas coisas bem sujas. Mas já nos habituámos tão bem a isso que nem lhes prestamos atenção. Tão bem habituados, quer dizer, tão bem contaminados estamos.

Achais-me pessimista? Utilizai então este teste: Durante um dia apenas, esforçai-vos por despistar todas as mentiras que se escondem nas vossas atitudes, nas vossas palavras, nas vossas cartas, nos vossos gestos, nos vossos silêncios, nos vossos pensamentos, nas vossas orações, para com a vossa mulher, os vossos filhos, a vossa porteira, as pessoas que encontrardes, para com vós mesmos (porque mentimos também a nós mesmos, e não menos do que aos outros), para com Deus (para quantos cristãos não seria mais leal absterem-se, durante um tempo, como Péguy, de recitar o Pai Nosso, por causa dessa "que seja feita a vossa vontade" desmentido pela sua vida quotidiana). Se não ficardes horrorizados à noite, no fim

desse dia, é porque sois um santo, a menos que não sejais um cego. E, nesta segunda hipótese, o vosso caso é grave.

Tornardes-vos verdadeiros, devia ser a vossa constante preocupação quotidiana ...

Tendes uma boa ajuda para isso, se seguirdes lealmente as regras das Equipas. Se, durante a troca de impressões, cada um exprimir com toda a simplicidade o que pensa, se confessar o que ignora, se pedir a resposta a uma pergunta que se põe a si mesmo, se reflectir com todos na maneira de traduzir na sua vida a verdade melhor compreendida, não tardará a tornar-se verdadeiro. Se a vossa oração na reunião mensal for outra coisa além de uma boa dissertação, se traduzir, em algumas palavras despojadas de eloquência, de literatura, e como se estivesse só diante de Deus, um pensamento, um desejo, um sentimento profundo da alma, tornar-vos-eis verdadeiros. Se cada um praticar lealmente aquilo a que chamamos a partilha (Lembraí-vos do texto da Carta "Depois, cada casal diz com toda a franqueza se cumpriu, durante o mês que passou as obrigações que a Carta lhe exige"), os membros da equipa não tardarão a tornar-se verdadeiros. Isso parece tão normal para casais que juntamente e num espírito de entreajuda fraterna aceitaram livremente uma regra, de partilharem sempre os seus esforços e as suas dificuldades. Porque será que tantos casais recusam esta partilha? Não será precisamente porque ainda estão habituados a fingir, a representarem a sua personagem, a cultivarem a sua reputação?

É precisamente porque vemos na partilha, entre outras coisas, um meio infalível de fazer tombar a máscara e de lutar contra a mentira mundana, que lhe atribuímos uma tal importância.

Que os casais de uma equipa se esforcem por eliminar qualquer mentira, tendam a uma sinceridade total, como me escrevia um de vós "entre cristãos tornados transparentes uns aos outros, a comunhão dos santos já não é só um dogma em que se acredita mas uma experiência que se vive"

H. C.

GRUPOS DE COMBATE

Um padre amigo declarava-me, há alguns meses, com toda a simplicidade e franqueza, as suas objecções contra as Equipas de Nossa Senhora. "Porque não deixam às Equipas toda a iniciativa? Porquê impor-lhes temas de estudo, uma disciplina, métodos?". Discutimos longamente. E no fim ... cada um de nós manteve a sua posição. Empatámos. Depois, a nossa conversa guiou-nos para outros caminhos. Confiou-me então que acabava de entrar para uma família sacerdotal.

Abro um parêntesis, porque com certeza ignorais o que se deve entender por "famílias sacerdotais". Sacerdotes diocesanos que ficam nos seus postos de pároco, vigário, capelão... que estão à disposição do seu bispo. Como todos os seus colegas, unem-se num agrupamento a que se chama família sacerdotal, para aí encontrarem o socorro espiritual de que necessitam. Não vivem juntos, mas são ligados por um ideal comum de santidade sacerdotal, por uma mesma regra de vida, por uma amizade fraterna. Alguns entram para ela logo que saem do seminário. Mas são mais aqueles que pensam nisso só após alguns anos de ministério. Tendo feito a dura experiência da solidão e da liberdade, tendo aprendido como são fracos; tendo visto à sua volta colegas instalarem-se na mediocridade, descobriram a importância de não estarem sós, para aguentarem o combate da santidade sacerdotal, e aspiram a uma disciplina, desejam uma correcção fraterna, compreendem a segurança que sentem sabendo-se amparados por outros. É nessa altura que eles estão prontos para entrarem numa família.

Mas não basta que sejam ajudados por outros; é preciso também amparar os outros. É essa dupla finalidade que o sacerdote procura, quando entra para uma família sacerdotal.

Fecho o parêntesis e volto ao meu interlocutor. Sem dar por ela, acabava de me dar o melhor argumento para justificar as Equipas de Nossa Senhora. "As nossas equipas, fiz-lhe notar, são um pouco para os casais o que a família sacerdotal é para o sacerdote. Quando um casal desejoso de viver integralmente o seu cristianismo, sofre por se ver isolado, e experimenta que as boas resoluções são, a maior parte das vezes, sem seguimento e sem efeito: quando ele receia deixar-se levar, como tantos outros, pela rotina, pelo materialismo, pela sensualidade, volta-se então para as Equipas de Nossa Senhora, e está apto a compreender a sua razão de ser e a tirar o proveito das suas exigências.

Irá ele queixar-se da sua disciplina? Mas é disso mesmo que ele está a precisar. Um quadro, uma regra, uma entreaajuda e um controlo fraterno, é isso que lhe faltava, é isso que procurava, é isso que encontra nas Equipas.

Aí encontrará também - e não é a sua menor alegria - o meio de amparar casais que, como ele, procuram na amizade cristã a força de tenderem para a perfeição cristã.

Quis voltar a estas noções fundamentais. Porque é importante que estejamos bem de acordo acerca do que pensamos, queremos e procuramos. Com mais convicção ainda do que no dia em que o escrevia, pela primeira vez, penso que "As Equipas de Nossa Senhora não devem ser refúgios para adultos bem intencionados, mas grupos de combate compostos unicamente por voluntários", cujos membros desejam como todo o coração aprofundar o seu cristianismo, a fim de o viverem sem compromissos na família, na profissão e na Cidade.

H. C.

ESPIRITUALIDADE INSTALADA

Alguns meses de vida comum... decepção. Só é surpreendente para os interessados: tinham entrado no casamento para TOMAR e não para DAR.

Depois de alguns anos de entusiasmo, aquele militante abandona o seu grupo de acção católica. "Já não encontrava lá nada". Mais outro que mais preocupado em tomar do que em dar.

Um casal jovem parte para a América do Sul. A sua palavra de adeus: "Já não é possível conquistar-se na Europa uma vida um pouco mais larga".

Um certo governo decide um imposto novo, mas tem o cuidado de tomar medidas de correcção, de compreensão? De todos os lados surgem as reivindicações. A questão não é saber se está em causa o interesse do país: "Isto incomoda-me, portanto protesto".

A lista seria interminável.

Mesmo em relação a Deus, vimos para tomar e não para dar: "Para quê continuar a comungar e a confessar-me? Isto não me traz nada" ...

E a mulher desliga-se do seu lar, o militante do seu movimento, o paroquiano da sua paróquia, o cidadão do seu país, o homem do seu Criador.

Raça de exploradores. A sua dedicação mede-se pelo seu interesse. Não têm mesmo a franqueza de o reconhecerem; criticam e acusam os outros.

Não tenho intenção de vos propor aqui o vasto exame de consciência: no meu lar, na minha paróquia, na minha profissão, no meu país, na Igreja, sou eu o parasita ou o bom operário? Mas não se pode tratar este problema importante num curto bilhete.

Mais modestamente, quero convidar cada casal a interrogar-se: Porque estou nas Equipas? Para tomar ou para dar?

Depois, dirigindo-me a cada Equipa: Porque aderistes ao Movimento? Foi apenas para ai encontrardes temas de trabalho já preparados, para receber um boletim, para aproveitardes da experiência dos outros? Nesse caso, não estais no vosso lugar. Meditai então esta página de Saint-Exupéry em "Piloto de Guerra".

"Esta comunidade dos homens não a habitava como arquitecto. Beneficiava da sua paz, da sua tolerância, do seu bem-estar. Não sabia nada dela, senão que estava lá como sacristão ou como alugadora de cadeiras, portanto como parasita, portanto como vencido.

Assim são os passageiros do navio. Eles usam o navio sem lhe darem nada. Ao abrigo dos salões que eles julgam um lugar ideal, continuam os seus jogos. Ignoram o trabalho dos marinheiros sob o eterno peso do mar. De que direito se lamentarão, se a tempestade destrói o seu navio?"

Mas se me respondeis: "Queremos participar na grande tarefa começada pelas Equipas de Nossa Senhora, instaurar o reino de Cristo nos casais, fazer que a santidade se enraíze em pleno mundo moderno e não seja só privilégio dos monges, formar bons operários da Cidade, robustos apóstolos de Cristo". Estais na linha certa. A vossa Equipa será útil a todas.

Ela receberá de todas. Porque é preciso voltar sempre a essa verdade primeira: quem vem para tomar, parte com as mãos vazias, quem vem dar, encontra.

Tendo compreendido o espírito das Equipas, não vos será difícil consentir na sua disciplina. A vossa reacção não será "aquela regra não nos agrada, vamos insurgir-nos", mas esta obrigação é útil para o bom progresso do Movimento, e então tornai-vos bons jogadores.

E agora, amigos, compreendeis porque não podemos admitir senão as Equipas que aceitam Carta? Não é que, em si, uma outra recusa de cumprir (não fazer senão uma recollecção em vez de duas, não responder por escrito ao tema de trabalho, não se preocupar em ter uma regra de vida, esquecer-se de mandar a sua quotização...), seja uma catástrofe. Mas é um sintoma: a equipa entrou no jogo, não para dar, mas para tomar. E isso é grave. E é por isso que achamos que esta equipa não está no seu lugar.

Não precisamos naturalmente de pessoas instaladas.

H. C.

SUBMISSÃO DE HOMEM LIVRE

Estava na montanha, numa manhã do passado mês de Julho. Uma chuva fina e incessante retinha-me prisioneiro no quarto. O carteiro bate e entrega-me o meu correio... Já não me lembro das cartas que recebi nesse dia; mas nunca esquecerei o sobressalto que senti ao ler uma circular anunciando a ruptura com a Igreja de um sacerdote e de alguns leigos que conhecia bem: "É impossível obedecer ao mesmo tempo aos imperativos de Roma e às Inspirações do Espírito Santo" escreviam eles. "É preciso escolher e nós já escolhemos".

Foi nesse dia que decidi escrever-vos este bilhete.

Nós, sacerdotes, alertamos-vos muitas vezes contra os perigos que vos fazem correr a carne e o dinheiro. Mas não nos esqueceremos demasiadas vezes de vos prevenir contra um certo espírito de independência? Não falo do desejo, bem legítimo, de melhor compreender para melhor se obedecer, mas dessa tendência para criticar e discutir os ensinamentos e as decisões da Igreja: quer se trate da moral social, da moral conjugal, da condenação da Action Française ou da condenação do Comunismo, da definição do Dogma da Assunção ... Espírito de independência mais subtil ainda que faz escolher entre as Verdades. Agarramo-nos à Ressurreição, mas negligenciamos a Paixão. Somos atraídos pela caridade, mas recusamos a lei da abnegação: meditamos o discurso depois da Ceia, mas esquecemos o Sermão da Montanha: ouvimos com agrado falar do céu, mas acolhemos, com um sorriso céptico, o pregador que faz alusão ao inferno.

Bem sei que daí a provocar um cisma ainda vai longe. Mas não é já comprometermo-nos no caminho da ruptura, distender as ligações que unem ao

Corpo Místico? O sarmento, meio quebrado, que já não está ligado ao cepo a não ser por algumas fibras, não tardará a secar e as uvas secarão.

Se o amor a Deus e à Igreja fosse profundo, este espírito de independência desapareceria depressa. Porque o amor aspira à submissão, submissão activa que é oferta de si mesmo. Ser submisso a Deus e à Igreja não ter uma atitude de escravo, mas desposar os pensamentos e as vontades de Deus e da Igreja; ser submisso é estar ligado - no sentido em que o sarmento está ligado ao cepo. Então a graça passa e os frutos são abundantes e saborosos.

Para atingirmos esta submissão profunda é preciso portanto amar, visto que é o amor que gera a submissão. Mas não é menos necessário aperfeiçoar-nos na submissão, mortificarmos este gosto inveterado da independência, que existe em todos nós.

Não é este um dos mínimos serviços que as Equipas de Nossa Senhora vos rendem, o de vos ajudar na aprendizagem da submissão, pedindo-vos que adoptem voluntariamente a Carta, que peçam a ajuda do controlo fraterno aos vossos companheiros de equipa, e lhes confessem as vossas falhas no cumprimento das regras do jogo.

Acho que por vezes vocês não têm brio. Há demasiados que se gabam de desobedecer. Porque não haverá então cristãos que sejam orgulhosos de se aperfeiçoarem na submissão?

H. C.

NOSSA SENHORA

Já vos interrogastes acerca de quando e porquê as nossas equipas de casais se colocaram debaixo da protecção de Nossa Senhora?

A primeira equipa, antes da guerra, não tinha tido a ideia de arranjar um nome. A bem dizer, um dia em que lhe foi pedido que juntasse o seu testemunho ao dos outros grupos de casais, viu-se bem obrigada a arranjar um nome, que de resto confesso ter esquecido. As equipas, fundadas logo depois do armistício, não se preocuparam em arranjar um estado civil. Antes de tudo, era preciso encontrar a sua maneira de viver. E depois, é preciso confessá-lo, tínhamos receio da "capelinha". Eram casais cristãos que se reuniam para procurar Cristo: porque havíamos de nos preocupar com outra coisa? Mas de facto isso deu em mal. Bem poderíamos tê-lo previsto. Tudo o que existe tem necessidade de um nome para ser designado. Então visto que nós não tratávamos do assunto, deram-nos um ... e qual não foi a minha surpresa ao ouvir falar... nos Grupos Caffarel. E isso não me comoveu nada: vi nisso uma boa partida. Mas foi preciso render-me à evidência: o nome generalizava-se. Foi preciso a todo o preço acabar com aquilo. E por isso, dar às equipas a protecção dum Santo um pouco mais... clássico... e autêntico.

Foi então que imitei o gesto de Péguy ao pegar nos filhos e ao pô-los nos braços da Virgem.

"Muito tranquilamente nos braços daquela que está encarregada de todas as dores do mundo.

Desde esse tempo que tudo corria bem.

Naturalmente.

Como havia de tudo correr senão bem?

Visto que era a Virgem que olhava por tudo.

Que se encarregava disso...

Enquanto ele, que lá lhos tinha posto, partia de cabeça erguida e de olhos claros.

Como um homem que fez um bom negócio...

Como um homem que acaba de escapar a um grande perigo".

(Péguy - Le Porche du Mystère de la deuxième vertu).

E aí têm porque as nossas equipas são "As Equipas de Nossa Senhora".

Entristecer-me-ia que não prestásseis mais atenção a este patrocínio do que se procura uma intenção mística nos letreiros "Livraria Notre-Dame", "Hôtel Notre-Dame", "Garagem Notre-Dame" que proliferam um pouco por todo o lado nas nossas cidades.

Agrupai-vos para procurar a Cristo, para o imitar, para o servir. Não o conseguiríeis sem um guia. E não há melhor do que a Virgem. Gostaria que nas nossas equipas se aperfeiçoassem na fé, na onnipotente ternura da Virgem, que cada casal sinta essa confiança e essa segurança que encham o coração dos pequeninos quando a sua mãe está ao pé deles. Gostaria que fosse essa uma das nossas notas características. Então ficarei muito tranquilo quanto ao futuro.

"E Ela tomou-os sob a sua protecção.

E para toda a eternidade" (Péguy)

Então as equipas serão protegidas contra o intelectualismo e o espírito crítico - é esse um dos primeiros benefícios da intimidade do cristão com a Virgem. Os corações serão aguardados na humildade: quem poderá fingir-se malicioso junto de Nossa Senhora? O amor fraterno reina. Sucede sempre assim quando a mãe está no meio dos seus filhos ... Então a fonte de alegria não secará, visto que a "Causa da nossa alegria" estará connosco.

Penso que alguns dentre vós seguem-me com dificuldade, têm dificuldade em compreenderem o lugar tão excepcional que tem a Virgem no catolicismo (não se reza aí ao Deus todo poderoso recitando o Pai Nosso, sem imediatamente nos dirigirmos a essa maravilhosa rapariguinha para lhe rezarmos a Avé Maria). Esta devoção, inquietam-se eles, não se arrisca a ser sentimentalismo, mais do que razão? Não tenho a pretensão de os convencer com este curto bilhete. Que eles me permitam, no entanto, que lhes transmita o melhor sermão sobre a Virgem que eu escrevi.

Tinha conhecido um homem de negócios, que explorava o petróleo em Marrocos, na Arábia, etc... que tinha fábricas um pouco por todo o lado. Profundamente cristão, vinha dizer-me o grande lugar que a Virgem tinha na sua vida. Quis compreender porquê e perguntei: "Mas que é Ela então para si, a Virgem?". Qual não foi a minha surpresa, o meu embaraço, de ver este homem tão viril perturbar-se, os seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto deixava escapar: "A Minha Mãe". Logo a seguir, mudei de assunto, envergonhado como aquele que sem o querer, surpreendeu um secreto amor, feliz como aquele que encontrou a razão porque os nossos robustos antepassados tinham uma tal veneração por Maria

Que este curto bilhete seja para vós um convite premente para conhecerdes a Virgem.

Que o conjunto das nossas Equipas seja uma catedral à glória de Nossa Senhora. Possamos nós trabalhar nela com o vigoroso entusiasmo dos construtores da Idade Média.

H. C.

"REUNIDOS EM MEU NOME"

Em 6 de Junho de 1954, durante a nossa peregrinação de Lourdes, falava eu com um de vós, dirigindo-me à Gruta. O meu interlocutor exprimia-me a sua surpresa perante a rara qualidade das relações que se tinham estabelecido no comboio, desde a primeira hora de conversa, entre os diferentes membros da sua "equipa-peregrinação", desconhecidos uns dos outros ainda na véspera. Surpreendia-se mas não sabia explicá-lo. A explicação que eu lhe dei então, dou-vos eu agora: talvez ela vos ajude a compreender melhor um aspecto essencial da vossa equipa.

As relações humanas são de tipos muito diversos, segundo elas são fundadas sobre o parentesco, a camaradagem, a amizade, o desporto... Cada uma tem a sua característica, a sua própria qualidade. Há ainda outro tipo de relações humanas, estas especificamente cristãs. O que faz a sua qualidade excepcional, é o valor daquilo que é posto em comum: já não só pensamentos, gostos, sentimentos humanos, mas a vida espiritual. Cristãos que amam Cristo e que têm entre si a prodigiosa confiança de se deixarem entrever, uns aos outros, a vida neles desse amor, as alegrias, os sofrimentos, as aspirações que ele gera. E é de tão impressionante perceber nos outros seres as vibrações da graça, os debates e os consentimentos de uma alma trabalhada pela graça!

E há mais. A promessa de Cristo realiza-se: "Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles". E por vezes sucede que a maravilhosa presença se faz sentir: a paz, a alegria, a luz das trocas de pontos de vista não podem ter outra explicação.

Não foi uma tal qualidade de amor que explica a sedução exercida à roda deles pelas primeiras comunidades cristãs? "Vede como eles se amam" exclamavam

aqueles que se aproximavam deles. A sua irradiação ainda nos atinge vinte séculos depois.

A ambição do nosso movimento é instaurar no seio de cada equipa e em cada casal esta qualidade de relações humanas.

Oração em comum, partilha, pôr em comum, troca de impressões: outros tantos meios postos à vossa disposição para vos permitir reunir-vos ao nível das almas, "em nome de Cristo" em Cristo. A tentação de se ficar apenas no plano da amizade humana por vezes é grande, mas é preciso continuamente reagir contra isso: a amizade cristã é uma conquista.

O "dever de se sentar", a preparação do tema de estudo são outros meios oferecidos, desta vez aos esposos, para os ajudar também a eles a se reunirem em Cristo. Socorros bem úteis. Respeito humano, timidez, avareza do coração, quotidianidade da vida, reivindicações da carne, outros tantos obstáculos a essa reunião espiritual dos esposos. Quantos, mesmo entre os melhores, passam a vida inteira sem fazerem a experiência desta intimidade em Cristo: põem tudo em comum, tudo o que é mais precioso, a sua vida com Cristo.

H. C.

VÓS SOIS REALMENTE CATÓLICOS?

Sois católicos? A vossa Equipa de Nossa Senhora é católica?

Não vos apresseis a responder.

Não basta estar inscrito nos registos paroquiais para se ser católico; é preciso também "participar" na catolicidade da Igreja. Quanto mais essa catolicidade é viva num homem, num grupo, tanto mais ele se pode dizer católico.

Para vos permitir responder à minha pergunta, é preciso portanto, explicar-vos bem em que consiste esta catolicidade da Igreja.

E, antes de mais, eliminemos uma falsa definição: não é porque está espalhada por todo o universo que a nossa Igreja se diz católica. "A Igreja, escrevia o Padre Lubar, era já católica na manhã do Pentecostes, quando os seus membros cabiam numa pequena sala".

Dizer que a Igreja é católica é reconhecer a vontade do Senhor de reunir toda a humanidade num só Corpo, é afirmar que a riqueza espiritual da Igreja convém a todos os homens sem excepção, que nela, e nela só, podem e devem encontrar a realização das suas aspirações humanas e religiosas e apenas formar um só todo, sem por isso abdicarem da sua personalidade, da sua originalidade.

A nossa Igreja já é maravilhosamente diversa e una. Pensai nos seus ritos variados: latino, grego, maronita, copca... nas suas espiritualidades múltiplas: beneditina, franciscana, inaciana... Quanto mais admirável ainda será a diversidade na unidade, quanto mais deslumbrante aparecerá a catolicidade da Igreja, no dia em que, as

grandes civilizações indiana, chinesa, árabe, abandonando o que nelas é caduco ou erróneo - entrem no seu seio com as suas admiráveis riquezas culturais e espirituais.

Posta esta definição, voltemos à nossa pergunta: um Grupo é verdadeiramente católico quando se interessa, com um interesse fraterno, por todas as raças e civilizações, por todos os meios sociais ainda estranhos à doutrina de Cristo, quando deseja, com um impaciente desejo, a sua entrada na Igreja e que trabalha com todos os seus meios - por amor por eles sem dúvida, mas também e antes de tudo por amor a Deus - a fim de que, na Igreja, a santidade de Cristo resplandeça em formas sempre variadas.

Pelo contrário, o Grupo que excluísse do seu pensamento, do seu amor, da sua oração, um certo meio, uma certa raça, uma certa civilização, não mereceria mais o seu título de católico, porque nele o espírito de seita suplantou o espírito católico. Espírito de seita, espírito católico: dois termos opostos e contraditórios.

Mais concretamente ainda: o Grupo de Casais que se fechasse a um casal por ser de um outro meio social, duma outra educação, que recusasse acolher um casal porque é estrangeiro, ou convertido do judaísmo ou do protestantismo, esse Grupo também trairia a catolicidade da Igreja. Racista, sectário, já não será católico.

Perguntai-vos se, nas vossas equipas como nos vossos casais, a catolicidade da Igreja está presente, viva, inspiradora, ou se o espírito de seitas estaria já a começar a estiolar os corações.

H. C.

" A P Ó L O G O "

Visto que, segundo parece, ele é esclarecedor, vou contar-vos outra vez o apólogo que contei às equipas parisienses numa das suas reuniões gerais.

No escritório do Director, a Senhora X vinha solicitar a admissão do seu filho Guy.

- O Senhor Director aceita, certamente, espero bem, que o Guy não venha no sábado à tarde. O meu marido é um pai muito preocupado com a educação estética do seu filho e por isso quer fazê-lo visitar, todos os sábados, os museus de Paris.

- Desculpe, minha Senhora, mas é-me impossível conceder-lhe o que me pede. No nosso colégio a tarde livre é a de Quinta-feira.

- E porque não é também a de Sábado? A escolha de Quinta-feira é arbitrária.

- Tem razão, há uma parte de arbitrariedade na nossa escolha de Quinta-feira. A senhora prefere o Sábado; o farmacêutico, esse sem dúvida que preferiria a Segunda-feira, porque nesse dia o laboratório está fechado e poderia ir ao "Bois de Bologne" com os seus filhos; há outros... Temos de escolher.

A mesma senhora no mesmo colégio, seis meses mais tarde.

- Tenho muita pena, minha senhora, mas não posso continuar a aceitar no colégio o seu filho. Apesar de todas as nossas observações, ele chega regularmente atrasado todas as tardes.

- O meu marido e eu, senhor Director, pensamos que lhe é necessária uma hora de sesta depois da refeição para um pouco de equilíbrio físico e psíquico. E o senhor tem de reconhecer, aliás, que o aproveitamento do Guy não se ressentiu com isso, visto que ele é o primeiro da classe, desde o mês de Outubro.

- Efectivamente o seu aproveitamento não sofre com isso. Mas se não defendemos a disciplina, reina a anarquia e é o colégio que sofre. Compreenda. Nós comprometemo-nos em guiar até ao exame final do curso do liceu as crianças que nos são confiadas; mas é preciso que, por seu lado, os pais se comprometam em respeitar as nossas condições de horário, de programa e de disciplina.

Terei necessidade de traduzir?

Quando um Grupo de Casais se liga às Equipas de Nossa Senhora, nós, os da Equipa dirigente, sentimos que assumimos uma responsabilidade ao encarregar-nos de o ajudar na sua procura de Deus. Decerto vocês nunca tinham pensado nisso.

Mas nós não podemos comprometer-nos senão tendo os meios de o podermos realizar: a Carta e as suas obrigações.

Que entre uma parte de arbitrariedade na escolha de certas obrigações da Carta - como no colégio na de Quinta-feira - é certo. Da mesma forma poderia ter-se adoptado outro ritmo para o "dever de se sentar" (quinze dias, dois meses...) Foi preciso escolher.

Que certo casal possa atingir uma profunda vida interior sem fazer um retiro de dois em dois anos, também não o contesto. Mas não se estabelece uma regra para casos particulares, mas para o conjunto das pessoas. E para o conjunto, esta regra de retiro de dois em dois anos pareceu-nos essencial. Admitir que um a dispense porque não precisa dela, era abrir uma brecha pela qual fugiriam aqueles a quem essa obrigação aborrece. É por isso que pedimos àquele que julga poder dispensá-lo, que proceda como todos os outros.

Volto, portanto, à minha ideia. A equipa dirigente, quando acolhe uma equipa nova, compromete-se com ela, em ajudá-la no caminho de Deus - e afirmo-vos que, em certas horas, esse compromisso não nos parece livre. Mas não estaríamos em condições de o manter, senão respeitando a disciplina do Movimento. É por isso que lhe pedimos que também se comprometa.

É uma segurança para vocês, estou disso convencido, que a equipa dirigente se sinta e se queira comprometer em vos ajudar no caminho de Deus. E é para nós também uma segurança saber-vos comprometidos.

H. C.

O ULTIMO PADRE

Conhecem "La Puissance et la Gloire", o romance de Graham Green? A acção passa-se no México Vermelho. É a história de um padre, do ultimo padre - todos os outros foram massacrados ou fugiram. Triste ministro de Deus, covarde, alcoólico... Como é que ele ainda está lá, ele, cuja cabeça está posta a prémio? Porque é que, animal perseguido, ainda não passou a fronteira? Não é que a vontade lhe falte. Não é a coragem que o retém nem qualquer outra virtude humana. Mas, exactamente como a agulha de íman não pode resistir ao norte, ele não pode subtrair-se à atracção, aqui de uma pobre mulher moribunda, ali de um punhado de pequenos campónios, esfomeados desse pão que só mãos consagradas podem repartir. Há nele, mais poderosa do que o seu pecado e do que a sua cobardia, uma força que sem cessar e como contra a sua vontade, o atrai para o seu pólo: a graça do seu sacerdócio.

Mas não tenho a intenção de vos contar o livro. Quero apenas, francamente, vos confiar um pensamento que me veio no decurso da minha leitura.

Vocês são ricos, vocês que me estão a ler, ricos de muitas coisas! Ricos de poderes. Já pensaram alguma vez nisso? Se tendes dificuldade em compreender o que quero dizer, interrogai os prisioneiros que ficaram muitos meses privados de qualquer visita sacerdotal. Dir-vos-ão que há uma fome de alma mais torturante ainda do que a fome do corpo, uma pobreza espiritual infinitamente mais difícil de suportar do que a privação dos bens materiais. Os que já fizeram a amarga experiência da pobreza, compreendem a sua riqueza actual e o seu privilégio.

Ora a riqueza traz obrigações. No ultimo dia, ser-vos-á perguntado: "Que fizeram vocês dos talentos que vos foram confiados? Que fizeram dos vossos sacerdotes?" Oxalá então não vissem levantarem-se contra vós o imenso povo dos ignorantes,

dos infelizes, dos pagãos, acusando-vos de o terdes privado da boa nova, confiscando os sacerdotes que teriam podido anunciar-lha.

Não falarei das mil e uma Maneiras de açambarcar os sacerdotes. Quero só falar-vos das vossas relações com o conselheiro espiritual da vossa equipa. Achais normal que ele consagre, todos os meses, um ou dois serões só aos casais da vossa equipa? E ele terá o direito, já não digo o dever, de responder ao vosso apelo? (Conheço sacerdotes que se interrogam com angústia: Irei eu mais uma vez a estes que já receberam tanto, enquanto outros esperam?).

Se o sacerdote encontrar em vocês colaboradores que levarão o seu testemunho aos meios em que ele mesmo não pode penetrar, preparando-lhe os caminhos, prolongando, multiplicando de certa maneira o seu sacerdócio, então estai sossegados: a sua presença entre vós dará frutos. Se tiverdes a preocupação de oferecer ao seu sacerdócio um maior campo de acção, se vos preocupardes em fazê-lo encontrar-se com os que duvidam, com os que procuram, não sois avarentos, "mas ricos". Mas ... antes, de tirardes uma conclusão, fazei um sério exame de consciência.

Green sugeriu-me uma outra reflexão. Digo-a sem comentários. Ao rico, são necessários alimentos requintados; o mendigo come com alegria o seu naco de pão. Ricos de sacerdotes, vós tornais-vos por vezes muito difíceis: exigir discursos que agradem ao vosso poder intelectual, um fervor excepcional, qualidades fora do vulgar. Aquele que não tem essas qualidades é facilmente desdenhado por vós. Não procurais antes de mais, o sacerdote no padre. Será preciso uma revolução, como no México, para que então choreis, enternecidos, ao beijar a mão consagrada de um pobre padre alcoólico?

H. C.

" ABAFA-SE ... "

"Abafa-se nas vossas famílias cristãs! E quanto mais cristãs são, mais o ar é irrespirável." Quantas vezes ouvi eu esta reflexão da parte de descrentes ou de meio-crentes.

- " A quem o dizeis! ..."

Eles olham-se espantados. Julgavam ter-me escandalizado. "... Mas não acrescenteis: quanto mais cristãos são... "

Tantos casais, com efeito, se crêem autenticamente cristãos, e que não vivem senão um cristianismo mutilado. Toda a sua religião se reduz à prática da virtude. Os próprios sacramentos não são para eles senão um meio de a atingir. Quanta energia eles dispõem para adquirirem e salvaguardarem as suas virtudes! são dedicados, imperturbavelmente dedicados: a qualquer hora podemos bater à sua porta. Têm a preocupação do "compromisso" e do "testemunho", (falaram-lhes tanto disso, de há vinte anos para cá! Mas, acima de tudo (e é bem verdade) eles estão mortalmente aborrecidos. E se ninguém se recusa a admirá-los - porque há grandeza em tais vidas - ninguém no entanto tem vontade de os imitar.

Na sua presença, vem-me irresistivelmente à memória o dito de Péguy: "A moral foi inventada pelos doentes. E a vida cristã foi inventada por Jesus Cristo". Toda a vida religiosa, com efeito, se não estamos vigilantes, está sujeita à lei de degradação da energia.

Da vida cristã, dentro em pouco só se retém a moral cristã. E a moral cristã não demora muito a degradar-se numa espécie de moral natural Que faz de nós

puritanos austeros e inflexíveis. Nesta atmosfera de moralismo, abafa-se literalmente.

Mas o cristianismo não é antes de tudo uma moral, não é o culto do deus Dever, essa divindade sem rosto, é uma religião - e não uma religião qualquer, um simples serviço de um deus longínquo. É uma vida com Deus, uma comunidade de amor com ele. "Eu estou à porta e bato. Se alguém escuta a minha voz e abre, eu entrarei na sua casa, jantarei com ele e ele comigo." Mais ainda, a vida cristã é uma comunhão. Pela fé - uma fé viva note-se - o cristão entra em comunhão com o pensamento divino, participa, dizem os teólogos, no conhecimento que Deus tem de si mesmo. E pela caridade, ama a Deus, com o próprio coração de Deus. Está associado vitalmente ao acto pelo qual Deus se ama. Eis-nos longe do moralismo espartano de uns ou pequeno burguês de outros.

Mas nós estamos de tal forma "habitados" a todas estas fórmulas aprendidas no catecismo... que as grandes realidades que elas encerram já não nos maravilham.

No entanto, há cristãos que levam a sério estas realidades sobrenaturais e que as vivem.

A sua fé é uma paixão de conhecer a Deus e o seu pensamento. Ele esforça-se por a conservar viva e progressiva, pela meditação da Palavra divina e também pela atenção àquilo que Deus lhes quer dizer nos acontecimentos quotidianos. Jovem, alerta, ela penetra sempre mais avante nas "inesgotáveis riquezas de Cristo". A sua alegria exulta nessas palavras de São João, que traduzem bem o seu sentimento: "E nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos".

Eles esforçam-se por amar a Deus - todo o amor é trabalho antes de ser posse. Este amor a pouco e pouco torna-se a força de todas as suas acções, a sua razão de viver. "Quem nos separa do amor de Cristo?" dizia São Paulo, "a tribulação, a angustia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo? ... Em tudo isso nós somos mais do que vencedores, graças Àquele que nos amou".

A moral destes cristãos - porque eles têm uma moral, mas não a dos "doentios" - é a irradiação da vida divina ... "Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso". São Paulo define-a nestas palavras: "Sede imitadores de Deus. Como filhos bem amados!"

Entre estes cristãos não há perigo de abafardes. Não são os prisioneiros de um moralismo, de um legalismo. São livres, livres da liberdade dos filhos de Deus. Entre eles respira-se o ar livre do largo, o grande ar de Deus. Criam em vós o desejo de Deus.

H. C.

CORRECÇÃO FRATERNA

Qual foi o grupo que não fez esta experiência: um dos membros está ausente; aproveita-se para o criticarem e falarem dos seus defeitos: quando ele chega, calam-se.

Às pessoas rectas repugna esta falta de lealdade. Decidem reagir: Daqui para diante, diremos tudo diante deles.

Quantas vezes já assisti a um compromisso semelhante (durante uma estadia na montanha com estudantes; à roda da fogueira num acampamento; numa reunião de casais). Nunca teve continuação. A franqueza total não dava bom resultado.

Teremos então que renunciar à franqueza? Seria resignarmo-nos à mediocridade da caridade fraterna. Porque a caridade, que nos ordena que ajudemos os irmãos nas suas necessidades materiais, ainda é mais necessária quando se trata das suas necessidades espirituais.

É exactamente o que pensam alguns de vós. Ouço ainda esse casal dizer-me, com um generoso entusiasmo, o que vos reproduzo quase textualmente: "É bom tomarmos conta dos filhos uns dos outros, de oferecer oração e simpatia ao amigo na provação, irmos mesmo até nos ajudarmos financeiramente. Mas o amor fraterno continua medíocre se não sabe elevar-se até à correcção fraterna. Por exemplo, um casal da equipa ilude-se gravemente acerca do carácter de uma das suas filhas. Ela sofre e fecha-se; os pais endurecem a sua atitude ... É visível para todos, excepto para os interessados. E admissível que ninguém na equipa tente fazer alguma coisa? Um marido tem reacções de desprezo para com a sua mulher. Hábito certamente inveterado, porque parece não se aperceber do que faz. Não haverá alguém na

equipa que lhe mostre o seu erro, fraternalmente, francamente? Outro casal está possuído duma paixão política, têm declarações intransigentes e injustas. Ninguém terá a coragem de lhes dizer que eles escandalizam os outros? É preciso muita coragem para falar, muita humildade para "encaixar". Mas que triunfo da caridade!"

Eu concordo: a correcção fraterna é uma forma autêntica da caridade. O funcionamento da amizade é uma coisa bem diferente de um amável divertimento. E a caridade não aceita a cobardia do coração. Mas, atenção! não deve haver precipitação. Salvo raríssimas excepções, não se chega às formas mais altas da caridade senão depois de se ter exercitado longamente nas suas formas mais elementares.

Há equipas que já fizeram tentativas de correcção fraterna. Para uma delas, que conheço bem, foi primeiro um fracasso. Mas ela não quis fazer caso disso. Parecia-lhe uma falha da caridade fraterna. Adoptou-se uma nova fórmula. Não se tratou mais de tomar a iniciativa de fazer correcção fraterna. Solicita-se. Eu explico. Um certo casal pedia a um outro da sua escolha. Um dos homens pede a um amigo da equipa, em quem ele tem confiança, que lhe fale com toda a sinceridade. Uma mulher pede o mesmo a outra mulher.

Os casais - disseram-nos eles - tiram grande proveito desta maneira de agir. Mas fazem notar a necessidade, para aquele que é interrogado, de responder com grande humildade, de evitar julgamentos definitivos, sentenças infalíveis. Constataram que a obrigação de se exprimirem com tacto e delicadeza - não para atenuar, mas para se ser mais verdadeiro - faz-lhes muitas vezes sentir a que ponto os seus julgamentos tinham sido até então prematuros e categóricos. A delicadeza no falar é impossível a quem não possui delicadeza de coração. Eles fazem notar, aliás, que o amigo questionado pode sempre recusar-se. Mas que não deve nunca, por cobardia, sossegar o outro quando não é caso disso.

Releiam os textos bíblicos a respeito da correcção fraterna. Meditem-nos e discutam-nos na equipa, tendo sempre bem presente no espírito a finalidade que os guia: um sucesso de caridade fraterna.

H. C.

O ESTRANHO VIAJANTE

A ambição das Equipas de Nossa Senhora não é de juntar todos os casais, todos os grupos de casais. Mas apenas os que, desejosos de atingir uma vida cristã mais perfeita e de cooperar mais eficazmente na obra de Deus no mundo, sentem necessidade de uma regra e desejam uma forte entreajuda fraterna.

Não é de estranhar portanto que casais, grupos de casais, depois de terem entrado para o Movimento, não se achem aí no seu lugar: ou por terem vindo ignorando as obrigações da Carta ou para agradarem a amigos ou por moda, snobismo (onde é que o snobismo não se encaixa?).

Esses casais perdidos nas Equipas, conhecemo-los facilmente: aplaudem as ideias das Equipas mas contestam as obrigações - a que aliás não se dobram, senão de má vontade. E no entanto, coisa curiosa, aferram-se lá. Fazem-me pensar naquele estranho viajante, no meu compartimento, um dia que regressava a Paris, vindo de Avinhão.

O revisor ao ver que ele tinha um bilhete para Marselha, faz-lhe ver que ele estava a afastar-se de lá a 120 km/h. Primeiro surpreendido, o estranho viajante, depressa resignado, contenta-se com responder: "afinal de contas tanto pior."

Quando se quer entrar para as Equipas, ao recomeçar um ano, como também antes do compromisso da equipa, não concebo que se ponha a questão de outra maneira que não seja: "É a vontade de Deus que estejamos nas Equipas de Nossa Senhora?". Se a resposta for positiva, a participação nas equipas será lúcida, firme, leal, marcada com o sinal de sagrado. Poderá certamente suceder que se falhe a uma obrigação da Carta por impedimento ou por negligência; mas recusar essa

obrigação, pôr em causa o bem fundado de tal ponto da Carta já não será concebível.

De facto, constato que a propósito das Equipas, como em muitas outras circunstâncias (escolha de um emprego, concepção de um filho, emprego do dinheiro...) muitos cristãos se deixam arrastar pelos acontecimentos, pelas pessoas, pela urgência, e não se refiram à vontade divina. Daí a falta de seriedade e a inconsistência da sua vida. E no entanto não é cristão, não é discípulo de Cristo senão aquele que pode dizer à semelhança do seu Mestre: "O meu alimento é fazer a vontade do meu Pai".

É forte aquele Movimento em que cada um dos seus membros não entrou sem ter antes consultado Deus.

É preciso que as nossas Equipas sejam fortes. Atrevo-me a acreditar que a Igreja precisa delas.

H. C

CARTA MENSAL Nº 16

EQUIPAS NOVAS

CARTA ABERTA A GUY E SUSANA S ...

Caros amigos

Obrigado pela vossa reacção viva, franca, directa, ao meu ultimo Editorial. Tenho aqui a vossa carta e releio as principais passagens: "A Carta Mensal chegou-nos às mãos no sábado passado. Lemos logo o seu Editorial e ficámos bastante desolados."

Mais uma vez nas Equipas lemos: "sobretudo não vos julgueis obrigados a ficar. As Equipas não são para toda a gente. É muito difícil". Já no preâmbulo da Carta se pode ler: "ninguém é obrigado a aí entrar nem a aí permanecer. Mas quem faz parte dele deve jogar jogo franco"... A primeira Carta Mensal que recebemos, em Dezembro de 1955, falava de várias Equipas excluídas do Movimento... Tudo isso nos desorienta, a nós que esperávamos tanto do acolhimento caridoso das Equipas...

Quanto a nós, fomos atraídos pelo vosso ideal. Achámos excelentes as obrigações da Carta, mas por vezes muito difíceis. Mas a verdade é que ela nos ajuda... Sentimo-nos muito pobres e se viemos para as Equipas, foi exactamente porque nos sentíamos pouco seguros de nós. Digo-vos que o Movimento não é um movimento de "ricos" (em espírito é claro).

... Inquieta-nos muito ver tantos casais sem apoio, porque todos os que partem das Equipas, todos os que se acham indignos de lá estar, quem os ajuda?... O nosso Movimento é já antigo e forte, porque é que então abandona os que têm mais necessidade dele, aqueles que, em crise, talvez recusem todas as obrigações da Carta, mas que o ideal das equipas e o amor dos outros casais ajudariam a

ultrapassar a crise? A Carta não é uma finalidade. Parece-nos tão injusto deixá-los sós. O Senhor não disse que veio para os doentes?

... Apesar deste protesto apaixonado, ficaríamos desolados se nos considerasse como "O Estranho Viajante" de que nos fala no seu artigo, porque temos uma grande necessidade das equipas.

Permitam-me, amigos, que vos responda com a mesma franqueza.

Já tivestes ocasião de estudar a história da Igreja? Se o fizestes, ter-vos-á surpreendido um curioso fenómeno que, há dois mil anos, se repete todos os séculos: muitos cristãos deixam este mundo, agrupam-se, aceitam um superior, adoptam uma regra, e tudo isso para entrarem mais profundamente na intimidade de Deus e para cooperarem mais eficazmente na sua Obra. Pensai nesses milhões de religiosos e religiosas que há vinte séculos rezam, fazem penitência, correm o mundo para levarem a mensagem de Cristo, se dedicarem aos pequenos, aos deserdados, aos que sofrem...

Será surpreendente que alguns casais, de cada vez mais numerosos - para os quais não se trata de deixar o mundo, que aliás não o desejam de maneira nenhuma, que pensam, pelo contrário, ficar no mundo para aí jogarem o jogo franco, para aí cumprirem a sua missão - descobrindo como é difícil de se libertarem do pecado e da mediocridade para se tornarem mais perfeitos discípulos de Cristo, sintam eles também, a necessidade de uma regra, de uma formação, de um quadro, de uma entreaajuda fraterna, de uma disciplina, de um compromisso?

Vamos acusá-los de serem aristocratas, que desprezam a massa dos fiéis de que eles se isolaram? Eles responderão que são uns pobres pecadores que já experimentaram demasiadas vezes a sua fraqueza, e a terrível dificuldade de atingirem a perfeição da vida cristã; que se agrupam não por desdém pelos outros, não para se fazerem admirar, mas muito simplesmente para tentarem libertar-se do pecado e crescer no amor, de Deus e dos seus irmãos.

Se alguma coisa poderia surpreender seria que durante tantos séculos os casais não se tivessem agrupado, como são levados irresistivelmente a fazer no nosso tempo.

O que vos perturba, verdadeiramente, é constatar que as exigências do nosso Movimento afastem muitos casais e precisamente aqueles que, como dizeis, tinham mais necessidade dele. Reconheço facilmente que certos casais podem não se sentir no seu lugar nas equipas. Mas que havemos de fazer? Reduzir as exigências? Não hesitaríamos a fazê-lo senão reconhecêssemos que elas são um mínimo vital. Se fossem reduzidas essas exigências, os casais que elas sustentam hoje afundar-se-iam amanhã numa anemia perniciosa; o tónus do conjunto baixaria. Assim, em lugar de um movimento de casais impacientes de servirem a Igreja, de homens e mulheres dedicados aos seus irmãos, apenas seríamos em breve um "infantário de adultos contentes consigo mesmo" que nós quisemos evitar ser a todo o preço.

A quem aproveitaria essa operação?

Nem todos os casais são chamados a entrar nas Equipas de Nossa Senhora, isso é evidente; mas penso que, pelo contrário, os membros das Equipas de Nossa Senhora devem auxiliar todos, sobretudo aqueles de que me falam: casais em crise, doentes, isolados. Creio que devem repartir com generosidade o que aprenderam no seu Movimento. Constato, aliás, que muitos o fazem e de maneiras diversas, organizando sessões, círculos, colecções, retiros; difundindo largamente os nossos temas de estudo (sabem que se vendem todos os anos milhares que ajudam padres e casais na sua acção?); ocupando-se activamente com a preparação para o casamento.

Se vos compreendo bem, há uma categoria de casais que vos preocupam: aqueles que não são susceptíveis de jogar o jogo imediatamente, mas que, acolhidos com certa indulgência, acabariam cedo por fazê-lo. Mas também nos preocupam a nós. E julgamos mesmo que é o que sucede a quase todos os casais. É pensando neles que, antes de pedirmos a uma equipa que se comprometa a observar as obrigações da Carta, a convidamos a treinar-se durante dezoito meses a dois anos.

É por isso que também nós "inventámos" os casais de ligação: para que entre o Movimento e as equipas não haja a dureza de organismos administrativos, circulares e ordens anónimas, quisemos que cada equipa esteja ligada ao centro (Sector ou Equipa Dirigente, conforme os casos) por um casal amigo, que se chama de ligação, que ajuda, encoraja, faz compreender, estimula e submete ao centro as dificuldades próprias de cada equipa.

Deixai-me acrescentar, para terminar que não é nunca com alegria que a Equipa dirigente vê equipas se afastarem ou morrer, casais ficarem de lado, ou tem de tomar a cruel decisão de eliminar as equipas que não jogam o jogo. Mas uma necessidade se lhe impõe: nunca consentir em alguma coisa que comprometa a solidez do Movimento. E ao fazer isto, como eu o dizia no ultimo Editorial, a Equipa dirigente está convencida que serve bem a Igreja.

Estou aliás convencido que bem longe de constituir um entrave ao progresso do Movimento, as exigências das equipas são a única explicação da sua rápida expansão em diversos países: mais de cento e cinquenta equipas novas no decurso deste ano, sendo 5 na Alemanha e 12 em Lisboa, para não citar senão os países que foram os ultimas a chegar - e bem vindos!

H. C.

CARTA MENSAL Nº 17

EQUIPAS NOVAS

SÃO SÓ PAIS

Um casal disse-me recentemente: "já não se acredita no amor das Equipas de Nossa Senhora. Já não encontramos lá esposos mas apenas pais".

É claro que não me alarmei com esta observação demasiado absoluta. Mas no entanto perguntei a mim mesmo se nela não haveria uma parte de verdade e falei nisso a um responsável. Gentilmente e um pouco protector, ele respondeu-me: "O Senhor não queria certamente que, casados há quinze anos, e já com sete filhos, ainda brincássemos aos pombinhos? Mas isso não nos impede de nos entendermos bem". Mas isso não me sossegou nada. Ele empregou o verbo "entender" onde eu esperava o verbo "amar".

As Equipas de Nossa Senhora - como o "L'Anneau d'Or" - "baseiam-se numa certa ideia do amor. Mais exactamente numa convicção profunda de que o amor conjugal é uma realidade magnifica: A obra do sexto dia que veio coroar a pirâmide dos seres, o símbolo mais deslumbrante e o mais essencial, aquele que revela a união de amor que Deus quer realizar com cada um dos homens, que revela e também realiza essa união. Apetecia-me copiar aqui o meu artigo do Mistério do Amor: "vocação de amar". Peço-vos que o releiam se chegastes também à altura em que vos "entendeis bem". Relede pelo menos essas linhas na primeira página da Carta: "os casais das Equipas de Nossa Senhora querem que o seu amor, santificado pelo sacramento do matrimónio, seja um louvor a Deus, um testemunho para os homens, que lhes prove com evidência que Cristo salvou o amor".

Sobretudo não mentais a vós mesmos. Se já não tendes fé no amor não chameis a isso sabedoria ou maturidade. Se o vosso amor é como uma lamparina, não vos

desculpeis dizendo que há tantas coisas mais urgentes, senão mais importantes: a educação dos filhos que crescem, as responsabilidades sociais que são mais pesadas. Esses filhos têm uma enorme necessidade do vosso amor: foi ele que os fez nascer, e só ele que os pode fazer crescer. O vosso valor humano, quaisquer que sejam o vosso sucesso e os vossos galões está em perigo, se o vosso amor diminui. Não vos tranquilizeis demasiado rapidamente, pensando que pelo menos a vossa vida espiritual ganha ou perde o vosso amor. Não se constrói uma com as ruínas do outro.

O próprio mundo que vos rodeia também fica frustrado se o vosso amor arrefece. Esse mundo não está longe de desesperar do amor, duma certa qualidade de amor, e de mergulhar na matéria, tem direito ao vosso testemunho. Tem necessidade de entrever o amor divino brilhando com uma ternura humana, de aprender convosco que Cristo veio salvar o amor. Ides recusar-lhe esse testemunho?

H. C.

P.S. Não ignoro que o amor, evoluindo, muda de rosto. Também por isso não vos peço que vos ameis como aos vinte anos, mas com um amor cada dia mais profundo. E que vos resigneis com o declínio do vosso amor, que não chameis maturidade do amor àquilo que não é senão uma sensaboria do amor.

SUA SANTIDADE JOÃO XXIII FALA-NOS

O dia 3 de Maio de 1959 é uma data importante na história das equipas: nesse dia, com efeito, quando mil casais das Equipas estavam presentes numa peregrinação em Roma, o Papa concedeu-lhes uma longa audiência e dirigiu-lhes um importante discurso a que ele chamou, em algumas palavras improvisadas que o precederam, a "resposta do seu coração". Este acolhimento, esse discurso e a Bênção Apostólica que lhe seguiu tiveram para nós um preço inestimável: o Vigário de Jesus Cristo reconheceu às Equipas de Nossa Senhora direito de cidade na Igreja.

O que poderia não ter sido senão uma aprovação mais ou menos explícita, foi um reconhecimento, em conhecimento de causa, se ousar dizer: efectivamente, todos ficámos impressionados com a compreensão do nosso Movimento - das suas orientações e dos seus métodos - que as palavras do Santo Padre revelaram .

Esta data que foi importante para nós, também o foi para a cristandade. Era a primeira vez que um Papa reconhecia um movimento de espiritualidade de casais cuja célula de base é o pequeno grupo de lares, cuja animação se alimenta de uma espiritualidade conjugal e familiar.

Isto cria-nos obrigações. A fidelidade à Carta já não é doravante uma simples fidelidade ou uma regra de vida que nos impusemos a nós mesmos mas a esse documento que o Papa citou e a que fez numerosas alusões, provando assim que tinha lido atentamente e que o aprovava - e fidelidade aos encorajamentos do Santo Padre. A actividade dos quadros do Movimento que se dedicam à sua boa marcha, os esforços de todos os que trabalham no seu desenvolvimento são igualmente resposta a esses encorajamentos.

Mas atenção! Este reconhecimento pelo Papa das nossas equipas não deve favorecer uma certa vaidade, uma certa satisfação de si. Foi-nos dado não para nos glorificarmos mas para nos convidar a medir as nossas responsabilidades. Não devemos brandi-lo como um troféu mas ver nele um convite a sermos filhos da Igreja sempre mais dóceis, mais fiéis, sempre mais humildemente devotados.

Os limites deste bilhete não me permitem de vos fazer o comentário deste discurso do Papa, fá-lo-ei numa outra ocasião. Lede este discurso. Relede-o sob o olhar do Senhor: que ele vos alegre, mas sobretudo que ele vos estimule a vossa vida espiritual pessoal e a vossa vida de casal, a vossa vida de equipa e as vossas actividades no Movimento. E não esqueçais que nas palavras que eu dirigi ao Santo Padre lhe disse que vós vos comprometíeis a fazer tudo o que vos fosse possível "para que se multipliquem os casais em que marido e mulher se ajoelhem juntos, adorem juntos, se ofereçam a Deus juntos e juntos se dediquem ao seu serviço".

A nossa ida a Roma levou alegria e reconforto ao Santo Padre, disse-nos ele: É preciso ainda que a nossa oração filial lhe obtenha do Senhor graças que exige a sua terrível responsabilidade de Vigário de Jesus Cristo. Quando, na Missa, nos encontramos no momento dos vivos, vejo nomear com amor e fervor João XXIII.

E porque não havemos de acrescentar à nossa oração familiar a tão bela oração litúrgica pelo papa que se segue:

"Senhor Deus, Pastor e Guia de todos os fiéis, olhai com benevolência o vosso servo João XXIII que colocaste como pastor à cabeça da vossa Igreja. Concedei-lhe que ajude pela palavra e pelo exemplo aqueles de que ele é o chefe, e conseguir chegar com o rebanho que lhe é confiado à vida eterna. Por Cristo Nosso Senhor. Ámen".

H. C.